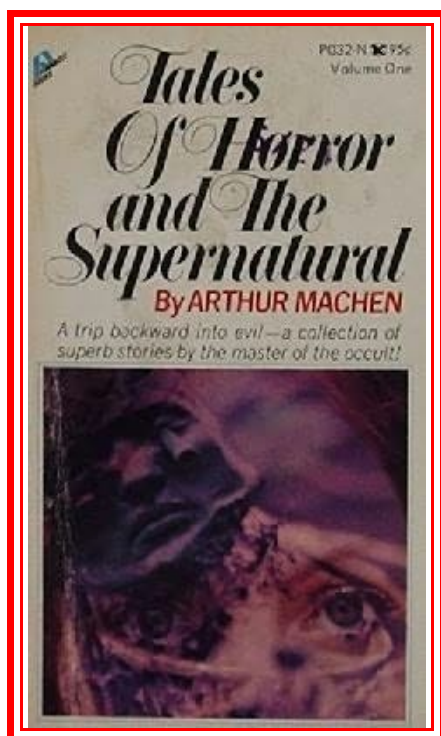


Contos de Terror

Arthur Machen



*Tradução, formatação, pesquisa
e revisão:*

[RTS](#) – Romance com Tema Sobrenatural (Orkut)



A Luz Interior

Uma tarde de outono, quando as fealdades de Londres estavam veladas por uma leve neblina azulada, e suas vistas e suas largas ruas pareciam esplêndidas, o senhor Charles Salisbury passeava pela Rupert Street, aproximando-se pouco a pouco de seu restaurante favorito. Olhava para baixo estudando o pavimento, e assim foi que chocou-se, ao passar pela estreita porta, com um homem que subia do fundo da rua.

—Rogo-lhe que me desculpe; não olhava onde ia. Poxa, é Dyson!

—Sim, com efeito. Como está, Salisbury?

—Muito bem. Mas onde esteve, Dyson? Não acredito tê-lo visto nos últimos cinco anos.

—Não, atrevo-me a dizer que não.

_ Lembra-se que me encontrava em maus lençóis quando você veio à minha casa de Charlotte Street?

—Perfeitamente. Lembro que me contou que devia cinco semanas de aluguel, e que se despreendeu de seu relógio por uma insignificante soma.

—Meu querido Salisbury, sua memória é admirável. Sim, estava mau.. Mas o curioso é que pouco depois de que você me viu, aumentaram meus apuros. Minha situação financeira foi descrita por um amigo como 'sem igual'. Não aprovo os vulgarismos, você sabe, mas essa era minha condição. Que tal se entrarmos? Poderia haver outras pessoas igualmente interessadas em comer. É uma debilidade humana, Salisbury.

—Com efeito, vamos. Enquanto passeava me perguntava se estaria livre a mesa do canto. Como você sabe tem respaldos de veludo.

—Conheço o lugar, está vazio.

_ Sim, como lhe dizia, cheguei a estar mais apurado ainda.

—O que fez então? - perguntou Salisbury, tirando o chapéu e acomodando-se à beira do assento, enquanto olhava o menu com vivo interesse.

—Que o que fiz? Pois me sentei e refleti. Tinha recebido uma excelente educação clássica e sentia uma categórica aversão por qualquer classe de negócio: esse foi o capital com o que me enfrentei ao mundo. Sabe, ouvi gente qualificar as azeitonas de desagradáveis. Que lamentável prosaísmo! Freqüentemente pensei, Salisbury, que poderia escrever poesia sincera sob a influência das azeitonas e do vinho tinto. Peçamos Chianti; pode que não seja muito bom, mas a garrafa é simplesmente encantadora.

—Está muito bem aqui. Também podemos pedir uma garrafa grande.

—De acordo. Então refleti sobre minha ausência de perspectivas e determinei me embarcar na literatura.

—Realmente é estranho. Parece você encontrar-se em circunstâncias bastante confortáveis, embora...



—Embora! Que sátira sobre tão nobre profissão! Temo, Salisbury, que não tem você uma boa opinião a respeito da dignidade de um artista. Vê-me sentado frente ao escritório - ou ao menos pode ver se se incomoda em chamar- com pena e tinta, e a pura nada ante mim, e se voltar para as poucas horas com toda probabilidade encontrará uma obra de criação.

—Sim, completamente de acordo. Tenho idéia de que a literatura não é remunerativa.

—Está você equivocado; suas recompensas são imensas. Posso mencionar, de passagem, que pouco depois de ver você obtive um pequeno ingresso. Um tio morreu e resultou inesperadamente generoso.

—Ah! Compreendo. Deve ter sido oportuno.

—Foi agradável, inegavelmente agradável. Sempre o considerei como uma dotação para minhas investigações. Dizia a você que eu era um homem de letras; possivelmente seria mais correto me descrever a mim mesmo como um homem de ciência.

—Meu querido Dyson, verdadeiramente você mudou muito nos últimos anos. Pensava, sabe, que era uma espécie de cidadão ocioso, o tipo de homem que pode encontrar-se na calçada norte de Picadilly de maio a julho.

—Assim é. Ainda então me estava formando, embora inconscientemente. Como você sabe, meu pobre pai não teve os meios para me enviar à universidade. Em minha ignorância estava acostumado me queixar por não ter completado minha educação. Loucuras de juventude, Salisbury; Piccadilly era minha universidade. Ali comecei a estudar a grande ciência que ainda me ocupa.

—A que ciência se refere?

—À ciência da grande cidade; a fisiologia de Londres; literal e metafisicamente o tema maior que pode conceber a mente humana. Que admirável assado de carne! Indubitavelmente o definitivo final do faisão. Às vezes me sinto ainda absolutamente afligido quando penso na imensidão e complexidade de Londres... Paris pode chegar a entender-se a fundo mediante uma razoável dose de estudo; mas Londres é sempre um mistério. Em Paris se pode dizer: 'Aqui vivem as atrizes, aqui os boêmios e os "ratés"'; mas em Londres é diferente. Pode-se apontar com bastante exatidão uma rua como morada das lavadeiras; mas no segundo piso pode haver um homem estudando os orígens dos caldeus, e no desvão, um artista esquecido agoniza lentamente.

—Vejo que é você, Dyson, imutável - disse Salisbury sorvendo lentamente seu Chianti-. Penso que lhe engana sua imaginação muito fervente; o mistério de Londres unicamente existe em sua imaginação. me parece um lugar bastante aborrecido. Estranha vez se ouça falar em Londres de algum verdadeiro crime artístico, enquanto que, conforme acredito, Paris abunda neste tipo de coisas.



—Me sirva mais vinho. Obrigado. Está você equivocado, meu querido companheiro, realmente equivocado. Londres não tem nada do que envergonhar-se no caminho do crime. Se fracassarmos, é por falta do Homeros, não do Agamenones. Como você sabe: “Carent quia poeta sacro”.

—Lembrança a entrevista. Mas não acredito poder lhe seguir de tudo.

—Bem, em linguagem plana, não temos em Londres bons escritores especializados neste gênero de coisas. Nossos cronistas mais comuns são torpes sabujos; cada história que contam a estragam ao contá-la. Sua idéia do terror e do que suscita terror é infelizmente deficiente. Nada os contente salvo o sangue, o vulgar sangue vermelho, e quando a encontram carregam as tintas, considerando que produziram um artigo eficaz. É uma pobre concepção. E, por alguma curiosa fatalidade, são sempre os assassinos mais comuns e brutais os que atraem principalmente a atenção e conseguem as mais das vezes que se escreva deles. Por exemplo, ouviu você falar talvez do caso Harlesden?

—Não, não. Não recordo nada dele.

—É obvio que não. E, entretanto, a história é muito curiosa. Contarei enquanto tomamos café.

“Harlesden, como você sabe, ou mas bem espero que não, é realmente um bairro nos subúrbios de Londres; curiosamente algo diferente de subúrbios veneráveis e primorosos como Norwood ou Hampstead, tão diferente como cada um deles o é do outro. Hampstead, quero dizer, é onde a gente procuraria o cume de uma grande casa com três acres de terreno e vários pavilhões, embora recentemente há um substrato artístico; enquanto que Norwood é o lar das prósperas famílias de classe média que escolheram a casa ‘porque estava próxima a palácio’, e seis meses depois se fartaram do palácio. Entretanto, Harlesden é um lugar sem caráter. É ainda muito novo para ter caráter.

“Há fileiras de casas vermelhas e fileiras de casas brancas com brilhantes persianas verdes, e portais descascados e pequenos pátios traseiros que chamam jardins, e umas poucas lojas débeis, e logo todo se desvanece, precisamente quando um se crie a ponto de captar a fisionomia do lugar.”

—Que diabos significa isso? Suponho que as coisas não se desabarão ante nossos olhos!

—Bom, não, não é isso exatamente. Mas como entidade, Harlesden desaparece. Suas ruas se convertem em silenciosas ruelas, e suas chamativas casas em olmos, e os jardins traseiros em verdes pradarias. Imediatamente se passa da cidade ao campo; não há transição como em uma pequena população rural, nem suaves graduações de grama e árvores frutíferas, com uma densidade paulatinamente menor de casas, a não ser um afastamento repentino. Acredito que a maior parte da gente que ali vive cabe na City. Uma ou duas vezes vi um ônibus repleto



dirigindo-se para lá. mas como quero que seja, não posso conceber uma solidão maior em um deserto a meia-noite que a que ali existe ao meio-dia.

“Parece uma cidade morta; as ruas refulgem em sua desolação, e ao passar descobre um repentinamente que também elas são parte de Londres. Faz um ou dois anos vivia ali um médico. Tinha instalado sua placa metálica e seu abajur vermelho no mesmo limite de uma dessas ruas reluzentes, e a costas da casa os campos se estendiam ao longe para o norte.

“Desconheço a causa pela que se estabeleceu em um lugar tão afastado; possivelmente o doutor Black, como lhe chamaremos, fora um homem precavido e olhasse ao futuro. Suas amizades, conforme se soube logo, tinham-lhe perdido de vista durante muitos anos, e inclusive não sabiam que fora médico e muito menos onde vivia. Entretanto, estabeleceu-se em Harlesden com os restos de uma clientela e uma esposa extraordinariamente bela. Ao pouco de chegar ao Harlesden a gente estava acostumada lhes ver passeando juntos nas tardes veraniegas, e, por isso se podia observar, pareciam um casal muito carinhoso. Estes passeios continuaram durante o outono e logo cessaram, mas, naturalmente, segundo os dias se obscureciam e o tempo refrescava, podia esperar-se que as ruelas próximas a Harlesden perderiam muitos de seus atrativos. Terminado o verão, ninguém voltou a ver a senhora Black; o doutor estava acostumado a responder às perguntas de seus pacientes que ela se encontrava ‘um pouco indisposta e que, sem dúvida, estaria melhor na primavera’. Mas a primavera chegou, e o verão, e a senhora Black não apareceu, e finalmente a gente começou a murmurar e a falar entre eles, e se disseram todo tipo de coisas curiosas à ‘hora do chá’, que como você possivelmente saberá é o único entretenimento conhecido nesses subúrbios.

“O doutor Black começou a surpreender olhadas muito estranhas a ele dirigidas, e a clientela, que era numerosa, diminuiu visivelmente. Em soma, quando os vizinhos cochichavam sobre o tema, sussurravam que a senhora Black estava morta e que o doutor se desfeito dela. Mas este não era o caso; a senhora Black foi vista com vida em junho. Foi uma tarde de domingo, um desses poucos dias deliciosos que oferece o clima inglês, e a metade dos londrinos se habíanextraviado pelos campos, em todas direções, para aspirar o perfume do florido maio e comprovar se tinham florescido já as rosas silvestres nos sebes. Aquela manhã tinha saído cedo e tinha dado um comprido passeio, e de um modo ou outro quando ia retorno a casa encontrei no mesmo Harlesden de que estivemos falando. Para ser exato, tomei uma jarra de cerveja no General Gordon, o mais florescente estabelecimento da vizinhança, e enquanto perambulava sem objetivo vi uma brecha extraordinariamente tentador em um cercado de arbustos e decidi explorar o prado.



“Depois do infernal cascalho pulverizado pelas calçadas suburbanas a suave erva é muito agradável de pisar, e logo depois de caminhar um bom momento pensei que eu gostaria de me sentar em um banco e me fumar um cigarro. Enquanto tirava a cigarreira olhei em direção às casas e conforme olhava senti que me cortava a respiração e que meus dentes começavam a tocar castanholas, e a bengala que levava em uma mão se partiu em duas do apertão que dei. Foi como se uma corrente elétrica me descesse pela espinha e, entretanto, durante algum tempo que me pareceu comprido, mas que deve ter sido muito curto, contive-me me perguntando que diabos ocorria. Então compreendi o que tinha feito estremecer meu coração e tinha gelado meus ossos de angústia. Ao olhar em direção à última casa da maça frente a mim, na curta fração de um segundo tinha visto um rosto em uma das janelas superiores da casa. Era um rosto de mulher, e, entretanto, não era humano. Você e eu, Salisbury, ouvimos falar em nossa época, quando nos sentávamos nos bancos da igreja ao sóbrio estilo inglês, de uma concupiscência que não pode saciar-se e de um fogo inextinguível, mas nenhum nem outro temos a menor ideia do que essas palavras querem dizer. Espero que você nunca a tenha, pois eu, ao ver essa cara na janela, com o céu azul sobre mim e o quente vento me acariciando em rajadas, compreendi que tinha penetrado em outro mundo: tinha cuidado pela janela de uma casa ordinária e flamejante, e tinha visto o inferno aberto ante mim. Quando me recuperei da primeira impressão, pensei uma ou duas vezes que me tinha desacordado; meu rosto jorrava suor frio e minha respiração estalava em soluços, como se me afogasse.

“Afinal me arrumei para me levantar e cruzei a rua: ali vi o nome ‘Dr. Black’ na rolha da porta principal. O destino ou minha sorte quis que a porta se abrisse e um homem baixasse as escadas quando eu passava. Não tive nenhuma dúvida de que era o mesmo doutor. Era de um tipo bastante corrente em Londres: alto e magro, pálido de cara e com um opaco bigode negro. Quando nos cruzamos sobre o pavimento me dirigiu um olhar, e embora foi simplesmente a olhada casual que um pedestre dedica a outro, mentalmente cheguei à conclusão de que era um tipo de trato perigoso. Como você pode imaginar, segui meu caminho bastante perplexo e também horrorizado pelo que tinha visto. Depois visitei de novo o General Gordon, e fiz provisão da maioria das intrigas que circulavam pelo lugar em relação com os Black. Não mencionei que tinha visto na janela um rosto de mulher; mas me inteirei de que a senhora Black tinha sido muito admirada por sua formosa cabeleira dourada, e o rosto que me tinha impressionado com tão desconhecido terror estava rodeado por bafo de flutuantes cabelos loiros, como uma auréola de glória ao redor do rosto de um sátiro. Todo o assunto me incomodava de maneira indescritível, e quando voltava para casa fiz todo o possível por me convencer de que a impressão recebida tinha sido uma ilusão, mas de



nada serve. Sabia muito bem que tinha visto o que tentei lhe descrever; moralmente estava seguro de ter visto a senhora Black.

“Além disso estavam as intrigas do lugar, a suspeita de jogo sujo, que sabia que era falsa, e minha própria convicção de que existia alguma malícia fatal ou qualquer outra anomalia nessa casa de cor vermelha gritã da esquina do Devon Road. Como construir uma teoria razoável com estes dois elementos? Em resumo, encontrava-me imerso em um mundo de mistério; tratei de decifrá-lo e enchi meus momentos de ócio atando os cabos soltos da especulação, mas não avancei nem um só passo para a solução verdadeira, e quando chegou o verão o assunto parecia mais nebuloso e confuso, e projetava um vago temor, como um antigo pesadelo. Supus que breve se teria desvanecido no fundo de meu cérebro -não deveria esquecê-lo, pois semelhante coisa nunca pode esquecer-se-; mas uma manhã quando lia o periódico me chamou a atenção um titular de umas duas dúzias de artigos de letra pequena. As palavras que tinha visto eram simplesmente: ‘*O caso Harlesden*’, e sabia o que ia ler. A senhora Black tinha morrido. Black tinha chamado a outro médico para certificar a causa da morte, mas algo ou alguém despertou as suspeitas do estranho doutor e houve uma investigação judicial com autópsia. O resultado, confessarei-o, assombrou-me grandemente: foi o triunfo do inesperado. Os dois médicos que praticaram a autópsia se viram obrigados a confessar que não puderam descobrir o menor rastro de qualquer tipo de engano; seus ensaios e reativos mais deliciosos não conseguiram detectar presença de veneno, nem mesmo na mais infinitesimal quantidade. A morte tinha sido produzida, descobriram, por uma espécie de enfermidade cerebral, em certo modo confusa e cientificamente interessante. A malha do cérebro e as moléculas de matéria cinza tinham experiente uma extraordinária série de mudanças; e o mais jovem dos dois médicos, que tinha certa reputação, acredito, como especialista em enfermidades mentais, fez algumas observações ao dar seu testemunho que ao momento me impressionaram profundamente, embora então não compreendi seu significado por completo.

‘—Ao começar meu exame -disse- estava assombrado de encontrar aparências de uma índole completamente nova para mim, não obstante meu em certo modo ampla experiência. De momento não tenho necessidade de especificar estas aparências; bastará-me manifestando que enquanto executava minha tarefa logo que podia acreditar que o cérebro que tinha diante fora de um ser humano.

‘—Esta declaração causou certa surpresa, como você pode imaginar, e o juiz perguntou ao médico se queria dizer que o cérebro se parecia com o de um animal.

‘—Não -respondeu ele-, eu não diria tanto. observei algumas aparências que pareciam apontar nessa direção; mas outras ainda mais



surpreendentes, indicavam uma estrutura nervosa de uma índole completamente diferente a do homem ou o mais ínfimo dos animais.

‘—A declaração causou estranheza, mas o jurado, naturalmente, apresentou um veredicto de morte por causas naturais, e o caso se acabou para o público. Não obstante, depois de ter lido a declaração do doutor, resolvi que eu gostaria de saber bastante mais, e me pus a trabalhar no que prometia ser uma interessante investigação. Realmente tive muitos problemas, mas até certo ponto tive êxito. Embora então, meu querido companheiro, não tinha nem idéia do porquê. deu-se conta de que estivemos aqui quase quatro horas? Peçamos a conta e vamos.

Os dois homens saíram em silêncio e permaneceram um momento no frio ambiente vendo acontecer frente a eles o apressado tráfico do Coventry Street, acompanhado dos retumbantes timbres dos cabriolés e os gritos dos vendedores de periódicos: em intenso murmúrio longínquo de Londres agitando uma e outra vez por debaixo desses ruídos mais estrepitosos.

‘—É um caso estranho, não é certo? -disse Dyson finalmente-. O que opina você?

—Meu querido colega, não escutei o final, portanto me reservarei a opinião. Quando me contará o resto?

—Venha para ver-me alguma tarde; digamos na quinta-feira próxima. Aqui tem minha direção. boa noite; desejo descender até o Strand.

Dyson chamou um cabriolé que passava, e Salisbury girou para o norte em direção a sua casa.

O senhor Salisbury, como pode haver-se deduzido das escassas observações que tinha sido capaz de fazer no transcurso da tarde, era um jovem cavalheiro de intelecto singularmente sólido, recatado e retraído ante os mistérios e o insólito, e com uma aversão temperamental pela paradoxo. Durante o almoço no restaurante se viu obrigado a escutar quase em completo silêncio uma estranha malha de inverossimilhanças trespassadas com a ingenuidade de um curioso nato de intrigas e mistérios, e se sentia cansado ao cruzar Shaftesbury Avenue e mergulhar-se nas vísceras do Soho, pois sua moradia se encontrava nas proximidades do lado norte de Oxford Street.

Enquanto caminhava, especulava sobre o provável destino do Dyson, dependendo da literatura, sem o amparo de algum parente considerado, e não pôde menos de concluir que estava tão sutilmente imbuído de uma imaginação excessivamente brilhante que, com toda probabilidade, seria recompensado com um par de tabuletas para anúncios ou uma pancarta de bloco. Absorto neste fio de pensamento, e admirando a perversa destreza capaz de transmutar o rosto de uma mulher doentia e um caso de enfermidade mental nos toscos elementos de um romance, Salisbury se extraviou entre as ruas fracamente iluminadas, sem advertir o



impetuoso vento que golpeava com força pelas esquinas e elevava em redemoinhos o lixo disperso sobre o pavimento, enquanto negros nubarrões se acumulavam sobre a amarelada lua. Nem sequer a queda em seu rosto de uma ou duas gotas isoladas de chuva lhe tirou de suas meditações, e só começou a considerar a conveniência de procurar algum refúgio quando a tormenta estalou de repente em plena rua. Impelida pelo vento, a chuva descarregou com a violência de uma trovejada, salpicando ao cair sobre as pedras e assobiando pelo ar, e logo uma verdadeira corrente de água corria pelos arroios e se acumulava em atoleiros sobre os obstruídos deságües. Os escassos viandantes extraviados, que mais que passear pela rua vadiavam, puseram-se a correr como coelhos assustados para algum invisível refúgio, e embora Salisbury assobiou ruidosa e repetidamente em busca de um cabriolé, não apareceu nenhum.

Olhou a seu redor, para descobrir o longe que podia estar de Oxford Street, mas vagando indiferentemente se apartou de seu caminho e se encontrou em uma zona desconhecida com toda a aparência de estar desprovida inclusive de hotéis onde pudesse um proteger-se pela modesta soma de dois centavos. As luzes escasseavam e estavam muito espaçadas, e luziam, depois dos sujos cristais, pelo pálido fluxo de azeite; a esta vacilante luz pôde vislumbrar Salisbury os sombrios e imensos casarões de que se compunha a rua. Alparar junto a eles, apressado e encolhido sob a avalanche de chuva, reparou nos inumeráveis atiradores das portas, cujas inscrições, gravadas em chapas de bronze, pareciam desvanecer-se de velhas, e aqui e lá um beiral ricamente esculpido me sobressaía da porta, enegrecido pela imundície de cinqüenta anos.

A tormenta parecia agravar-se com fúria crescente; Salisbury estava completamente molhado e tinha estragado seu chapéu novo, e com todo Oxford Street parecia tão longínqua como sempre; com profundo alívio o empapado homem alcançou a ver uma sombria arcada que parecia brindar amparo da chuva, se não do vento. Salisbury tomou posição na esquina mais seca e olhou em torno dele; encontrava-se em uma espécie de passagem artificial sob parte de uma casa e atrás dele se estendia uma estreita calçada que conduzia entre brancas paredes a regiões desconhecidas. Tinha permanecido ali algum tempo, esforçando-se inutilmente por desembaraçar-se em parte de sua supérflua umidade, e alerta ao passo de algum cabriolé, quando lhe chamou a atenção um ruído estrepitoso procedente da passagem deixada atrás, e que aumentava ao aproximar-se. Em um par de minutos pôde distinguir a voz rouca e gritã de uma mulher, ameaçando e repudiando, cujos acentos ressonavam nas muito mesmas pedras enquanto, de quando em quando, um homem grunhia e protestava. Entretanto, contra toda aparência isenta de romance, ao Salisbury agradavam as brigas guias de ruas e acabava de iniciar-se nas mais divertidas fases da embriaguez; por conseguinte,



apaziguou-se e se dispôs a escutar e observar com o aspecto de um abonado à ópera. Não obstante, para seu chateio, a tempestade pareceu apaziguar-se repentinamente, e pôde ouvir não mais que os impacientes passos da mulher e o lento vaivém do homem aproximando-se dele.

Ocultando-se na sombra da parede pôde ver como se aproximavam os dois; o homem estava evidentemente bêbado, e tinha seus membros e seus membros para evitar se chocar com as paredes, às que se agarrava a um e outro lado como uma barca golpeada pelo vento. A mulher olhava à frente, com lágrimas em seus resplandecentes olhos, que voltaram a brilhar quando aquelas desapareceram, e finalmente estalou em uma fileira de insultos dirigidos contra seu companheiro.

—Vil uva sem semente, ruim, desprezível canalha -seguiu ela dizendo, depois de uma incoerente avalanche de maldições-. Pensa que vou seguir toda a vida trabalhando para você como uma pulseira enquanto você persegue essa garota de Green Street e bebe cada penicila que tem? Equivoca-te, Sam. Seriamente não o suportaria mais. Maldito ladrão, estou cansada de você e de seu patrão, assim é que já pode fazer seus próprios recados, e só espero que lhe metam em apuros.

A mulher abriu seu regaço e, tirando algo parecido com um papel, enrugou-o e o atirou. Caiu aos pés de Salisbury. Logo se foi e desapareceu na escuridão, enquanto o homem se cambaleava na rua, resmungando vagamente contra si mesmo com voz aturdida. Salisbury lhe seguiu, lhe vendo fazer esses sobre o pavimento, deter-se de vez em quando e inclinar-se indeciso, para logo tomar súbitamente um novo rumo.

O céu tinha esclarecido, e brancas nuvens encarneiradas cruzavam fugazes frente à lua, alta no firmamento. A luz ia e vinha intermitentemente, segundo as nuvens passavam, limpando e voltando a cobrir o céu.

Quando os brancos raios iluminaram a passagem, Salisbury divisou a bolinha de papel enrugado que a mulher tinha atirado. Extrañamente, curioso por saber o que podia conter, recolheu-a e a meteu no bolso, ficando de novo em caminho.

Salisbury era um homem de costumes. Quando chegou em casa, empapado até os ossos, lhe pendurando a roupa, e com o chapéu impregnado de um lívido rocío, seu único pensamento foi a respeito de sua saúde, da que se ocupava solícito. portanto, depois de trocar-se de roupa e embutir-se em um quente batín, procedeu a preparar um sudorífico a base de genebra e água, esta aquecida em um desses abajures de álcool, que mitigam as austeridades da vida de um moderno ermitão.

Quando se teve administrado a preparação, e teve acalmado sua excitação com uma pipa de tabaco, Salisbury pôde ir-se à cama em um alegre estado de ociosidade, sem pensar em sua aventura na sombria arcada, nem nas ominosas fantasias com que Dyson tinha temperado sua

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

